

FÉ E PODER EM BOA VISTA/RR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO CARMO (1944-1950)

*Juliana Cristina Sousa da Silva*¹

*Luís Francisco Munaro*²

RESUMO

Este artigo traz uma análise das culturas política e religiosa presentes no município de Boa Vista/RR a partir de referenciais emprestados da semiótica da cultura. Seu objeto são fotografias produzidas nas décadas de 1940 e 1950 relativas a eventos realizados em torno da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. A abordagem da semiótica russa foi escolhida como fio condutor da análise e corpo da leitura para melhor compreender as imagens escolhidas. Tais imagens foram veiculadas na mídia não apenas no seu momento de produção, mas se tornaram icônicas da memória cultural e religiosa do município, apresentando forte valor documental e se consolidando como fonte de processos perceptivos e sensitivos na medida em que signos compostos de elementos icônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Boa Vista-RR; Religião; Culturas. Fotografias. Semiótica.

FAITH AND POWER IN BOA VISTA/RR: A REFLECTION BASED ON PHOTOGRAPHS OF THE IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO CARMO (1944-1950)

ABSTRACT

This article presents an analysis of the political and religious cultures present in the city of Boa Vista/RR from references borrowed from the semiotics of culture. Its object are photographs produced in the 1940s and 1950s relating to events held around the Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. The Russian semiotics approach was chosen as the guiding thread for the analysis and the body of the reading to better understand the chosen images. Such images were published in the media not only at the time of production, but became iconic in the cultural and religious memory of the municipality, presenting a strong documentary value and consolidating as a source of perceptual and sensitive processes insofar as signs composed of iconic elements.

KEYWORDS: Boa Vista-RR. Religion. Cultures. Photographs. Semiotics.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: julianacsousasilva@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e docente do programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: luismunaro@ufrr.br

1. INTRODUÇÃO

Tomando como ponto de partida referenciais provenientes da semiótica russa³, este artigo busca apresentar uma análise de um conjunto de fotografias da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo em Boa Vista – Roraima produzidas nos anos de 1940 e 1950. As fotografias analisadas mostram a mescla de diferentes culturas sociais e religiosas reunidas num só espaço da igreja. O peso de certas fotografias e imagens no relato de algum acontecimento, ou até mesmo na transmissão de mensagens, pode ser considerado até mesmo mais eficaz do que determinados conjuntos textuais, na medida em que perduram por mais tempo na memória dos indivíduos como o retrato de um determinado momento histórico.

As sete imagens abordadas neste artigo serão assim consideradas desde um contexto cultural dotado de memória e, sobretudo, codificado através de recursos imagéticos, imergindo na configuração identitária de todo um povo. Afinal, uma fotografia/imagem pode possuir uma carga de conhecimentos e significados capaz de ampliar ainda mais o universo cognitivo do indivíduo que se habitua a observá-las de forma mais detalhada. Quer dizer, ela ultrapassa a função simplesmente estética tornando-se objeto de informação e acervo e patrimônio histórico e cultural de uma sociedade.

O artigo está dividido em duas partes: a primeira apresentará a semiótica como ciência, buscando definir melhor a semiótica da cultura em sua vertente russa de estudos e entendendo a sua aplicabilidade para a análise de fotografias. Já a segunda parte visa analisar, a partir dos recursos teóricos apresentados e buscando alguns elementos históricos fundamentais para entender o contexto das imagens, algumas fotografias da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, mostrando como, ao redor dela, se expressaram diferentes formas culturais e religiosas integrantes da memória e identidade de Boa Vista e de Roraima.

³ A Semiótica Russa (Semiótica da Cultura) se desenvolveu, como referencial teórico e metodológico, a partir das pesquisas de um grupo de profissionais da antiga União Soviética, sendo Yuri Lotman (1922-1993) um dos seus principais fundadores e articuladores, que tinham por objetivo entender melhor a comunicação como um sistema semiótico, bem como a cultura como um conjunto unificado de sistemas, isto é, como um grande texto. Segundo Velho (2009, p. 250), esta “[...] é uma corrente que abrange um enorme legado de discussões sociais, filosóficas, tecnológicas e que, de alguma forma, possui influência sobre a produção signica de determinada cultura e dão conta dos processos de significação e de comunicação de um grupo social, ou seja, tenta entender como são os registros e as representações da cultura nos diferentes suportes que ela dispõe e em diferentes momentos histórico-sociais”. Portanto, esta abordagem semiótica se constitui como uma lente que procura observar e depreender a realidade, desvelando os significados que estão por trás dos seus signos. O que difere a semiótica da cultura das outras abordagens semióticas é o seu próprio processo de produção de sentido, visto que busca estudar a cultura a partir de sua formação como conjunto de signos, que produz e reproduz sentido a partir dos seus textos, ou seja, o sentido brota deste espaço, que não é material, no interior da própria cultura, a semiosfera.

2. A SEMIÓTICA DA CULTURA E A IMAGEM

Os estudos e reflexões sobre os signos e a sua significação são bastante antigos, deles havendo indícios logo nos escritos de Platão, Aristóteles e Epicuro. Entre os filósofos estoicos, a teoria da significação passou a ter maior importância para a compreensão do mundo na Antiguidade (FIDALGO, 2005); apesar do cuidado estoico com o comportamento, com a imperturbabilidade e a fuga dos vícios e paixões das aparências, os estoicos buscaram codificar as imagens a partir de sua essência, de seu significado mais profundo. Este elemento central da semiótica foi, muito mais tarde, transformado no alicerce da Semiótica da Cultura, uma das derivações da teoria da significação também conhecida como Semiótica Russa. Ela desenvolveu amplas discussões sobre os sistemas de signos, da cultura e de textos, bem como de códigos e linguagens culturais. Foram muitos os semioticistas russos que contribuíram para o pleno desenvolvimento desta ciência, na medida em que consideraram de modo especial não apenas a linguagem dos eruditos como também a tradição popular e as culturas orais presentes em longas cadeias de tradições.

Um dos principais semioticistas que se inseriu nessa tradição foi Yuri Lotman. Além de pesquisador da semiótica, Lotman foi historiador cultural soviético na Estônia, construindo sua carreira na Universidade de Tártu. Ele fundou a Escola de Tártu-Moscou de semiótica da cultura que acabou situando mundialmente as pesquisas soviéticas na década de 1960 (ROCHA; TERRA, 2018). A semiótica russa se consolidou a partir dele como um campo formado por pesquisadores que estudam a linguagem na cultura. Ela passou a trabalhar com as possibilidades intrínsecas na imagem e nem sempre passíveis de serem ordenadas previamente e de forma ajustada. O terreno da cultura, para estes semióticos, pode ser caracterizado a partir de três níveis: o social, o material e o mental. Como sugere Ronald Posner (1995, p. 37):

Como uma sociedade, isto é, um conjunto de indivíduos cujas relações mútuas são organizadas em instituições sociais específicas (cultura social); como uma civilização, isto é, um conjunto de artefatos produzidos e utilizados pelos membros desta sociedade (cultura material); e como uma mentalidade (um sistema de valores e ideias morais e costumes), isto é, um conjunto de mentefatos que controla estas instituições sociais e determina as funções e significados destes artefatos (cultura mental).

Antes de qualquer coisa, a cultura pode ser considerada uma inteligência ou uma memória coletiva, um mecanismo de conservação e transmissão de certos comunicados (textos) onde estão inseridos vários subtextos nos quais os indivíduos projetam as suas identidades. Assim, os estudos semióticos partem do pressuposto de que sistemas culturais se apresentam aos indivíduos na condição de textos, não porque se reduzem à língua, mas porque estão modelados a partir de uma língua natural

sem a qual não existe matéria pensante. Segundo a autora Irene Machado, nesse sentido, “a cultura como texto implica a existência de uma memória coletiva que não apenas armazena informações, como também funciona como um programa gerador de novos textos, garantindo assim a continuidade” (MACHADO, 2003, p. 102).

O texto, no entanto, não é um fenômeno isolado já que pertence a um grande sistema, que, segundo Lotman, podemos chamar de semiosfera, um conjunto de textualidades. Um texto junto de outro texto que faz dele um novo produto, completamente diferente, o que é, de uma forma mais direta, o lugar de organização de sentido (ROCHA; TERRA, 2018). Em outras palavras, a semiosfera é um conjunto de sistemas culturais que se aproximam, criando laços, subsistindo uns aos outros como organizações próprias ao mesmo tempo em que se transformando ao interagir com outros sistemas.

Os processos semióticos que ocorrem dentro e fora da semiosfera acontecem de diversas formas. As diferenças encontradas dentro do texto fazem com que os seus subtextos conversem entre si e se tornem, em algum momento, um só. Apesar de serem diferentes, estes subtextos estão interligados, gerando uma certa equivalência entre si, fazendo com que as esferas circulem livremente pelo espaço e ocupem posições diferentes (MACHADO, 2003). Assim, a semiótica possibilita a compreensão da cultura a partir da elaboração de uma estrutura na qual as diversas faces do objeto em estudo (que no caso específico serão as fotografias) podem ser analisadas e interpretadas, permitindo sua revelação a partir de várias dimensões.

A imagem é assim a unidade concreta da análise semiótica. Ela é uma representação de algo e pode ser caracterizada segundo quem a observa, tornando possível uma leitura diferente para cada indivíduo, criando um universo de teorias e formas de interpretação a partir das semiosferas disponíveis. Ela é um modo de expressão que precede a escrita e esteve presente desde as eras em que os registros de linguagem eram feitos por meio de símbolos e de figuras esculpidas em rochas com o intuito de gravar os acontecimentos do cotidiano do homem primitivo. Evidentemente, as imagens podem ser autoexplicativas e, nesse caso, não dependem tão diretamente da linguagem verbal.

Por meio das imagens fotográficas há, logicamente, um acesso limitado ao real. Apesar de ela não trazer a dimensão precisa daquilo que está sendo retratado, ela revela uma história oculta, cujos mínimos detalhes são, em sua completude, desconhecidos. As imagens fotográficas que escolhermos tornam-se o nosso texto que apresenta em seu interior diversos subtextos. Nelas identificamos a cultura social nos diversos tipos de grupos que estão neste espaço, lembrando que a cultura social é desenvolvida por um conjunto de indivíduos cujas relações mútuas são organizadas em instituições sociais específicas.

2.1. O encontro de culturas no entorno da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo

As fotografias utilizadas por este estudo apresentam o centro histórico de Boa Vista, capital de Roraima, no extremo norte do país. Cidade de colonização híbrida, com forte presença de fazendeiros, garimpeiros e indígenas, até hoje retratados nos principais monumentos da cidade. O centro histórico é considerado um espaço de características singulares por abrigar as construções que representam a história do município e do Estado de Roraima, consistindo no núcleo original da cidade construído em torno da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. A Igreja começou através de uma capela construída pelos monges carmelitas ainda em 1725, tendo sido transformada numa igreja pelos franciscanos em 1858. Ela está, portanto, circundada de patrimônio histórico e cultural e é um espaço significativo e de grande valor simbólico para o povo roraimense. Além de uma das construções mais significativas para o povo boa-vistense e para o turismo da capital roraimense, é a primeira Igreja construída na Bacia do Rio Branco e reconhecida como patrimônio histórico e cultural.

Desde a sua criação, o espaço em torno dela não era usado somente para eventos religiosos, mas também como um lugar de encontros, festejos, comemorações, assim como servia para a recepção de políticos, entre outros eventos, ou seja, um espaço que permitia intensa sociabilidade interiorana. Nele se encontravam várias culturas sociais diferentes, além de, evidentemente, também culturas religiosas expressivas das diferentes ordens católicas e a cultura política permeada pelo coronelismo e pelas relações de clientelismo. Sabe-se que a Igreja Católica teve considerável influência sobre a vida política brasileira até pelo menos os anos de 1980, inclusive na medida em que tinha capacidade de orientar votos; característica também muito comum da Igreja Católica na Europa da qual se beneficiaram imensamente partidos europeus do pós-guerra. Localmente, a Igreja se tornou o espaço de confluência de diversos elementos sociais, estando carregada de uma simbologia de alegria, crença e fé, como é possível perceber nas figuras de 1 a 4 que se referem à Cultura Social Política.

Nestas fotografias, disponíveis no acervo pessoal do Prof. Dr. Maurício Zouein da Universidade Federal de Roraima, está registrada a chegada do Capitão Ene Garcez em Boa Vista, em 1944. Na ocasião, o capitão chegava para assumir o posto de governador do recém criado território federal do Rio Branco, transformado em território federal de Roraima em 1962. A pesquisadora Cyneida Correia sugere que, no início da década de 1940, Boa Vista era a residência de em torno de 12130 habitantes, mais da metade deles composta de pessoas da cor parda (MENEZES, 2021, p. 39). Tratava-se, portanto, de uma cidade pequena e com forte presença da herança indígena. Nas fotografias, pode-se notar que várias pessoas estão se dirigindo ao evento, estando presentes também,

naquele momento, indivíduos importantes da sociedade local, bem como parte do exército que compunha a classe dominante. Esse espaço parece ter sido escolhido, como dito, por ser o ponto de encontro histórico carregado de simbolismo, um lugar com capaz de despertar alegria e fé na população. Sem dúvidas, o intuito de fotografar o acontecimento foi o de registrar o encontro de culturas, mas sobretudo destacar a presença do Capitão tomando posse do território recém construído para compor a iconografia oficial. Na primeira das imagens (figura 1), o capitão Ene Garcez passa pelo interior de um pórtico, sendo recebido por estudantes empunhando bandeiras.

Figura 1. Chegada do Capitão Ene Garcez



Fonte: Acervo de Maurício Zouein, 2021.

O Capitão, acompanhado de sua escolta, reúne um conjunto de populares, incluindo crianças (figura 2). À sua esquerda um padre e, à sua direita, uma faixa com o seguinte dizer: “salve presidente G. V.”, as iniciais do ditador Getúlio Vargas. Ao fundo, enxerga-se o rio, presumindo que a direção desta passeata é a igreja situada a apenas alguns metros do Rio Branco.

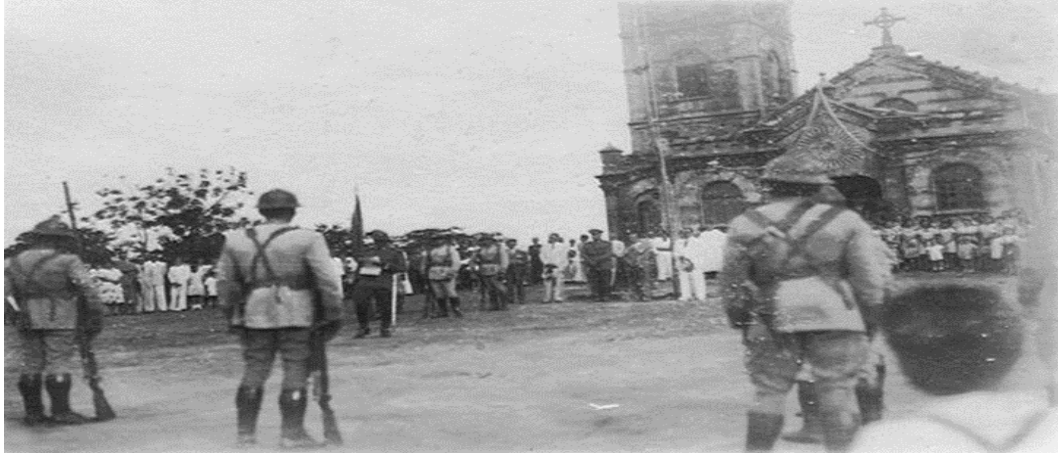
Figura 2. População se agrupando para aguardar a chegada do Capitão



Fonte: Acervo de Maurício Zouein, 2021.

Ao chegar na Igreja Matriz, percebem-se os elementos sociais, políticos e religiosos que confluíram na organização da vida de Boa Vista até meados do século XX: a presença ostensiva do exército, no primeiro plano, Ene Garcez escoltado pela hierarquia militar no centro, aquilo que aparenta ser um coral de crianças no canto superior direito. Ao fundo, a Igreja matriz se salienta como um emblema da autoridade religiosa, elemento garantidor da ordem social e política local e, portanto, lugar destacado para a tomada de posse de Ene Garcez. A Igreja também é a principal autoridade intelectual da vila, cuidando organizá-la, instruí-la nas práticas católicas e conectá-la à República que havia sido parida em 1889, o que é cabalmente demonstrado pela publicação do *Jornal de Boa Vista* logo em 1916 sob a direção do prelado beneditino Gerardo Von Caloen (MUNARO, 2017). Tal jornal, inclusive, era impresso na própria igreja. Na figura 3, as pessoas se perfilam em ordem para cantar o hino nacional.

Figura 3. Todos em posição para cantar o Hino em frente a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Acervo de Maurício Zouein, 2021.

A última desta primeira série de imagens da posse de Ene Garcez traz os militares perfilhados com as suas baionetas, imagem sintomática do estado acanhado da vila que pendia entre a estrutura política coronelística, por um lado, e o esforço de Vargas em promover uma modernização forçada através da hierarquia militar por outro. Vargas é o grande promotor do encontro, o “idealizador” do território federal do Rio Branco, sendo chamado na imprensa manauara, inclusive, de “o moderno descobridor da Amazônia” depois da sua vinda para Manaus em 10 de outubro de 1940 (MUNARO, 2018).

Figura 4. Todos juntos para tirar a fotografia



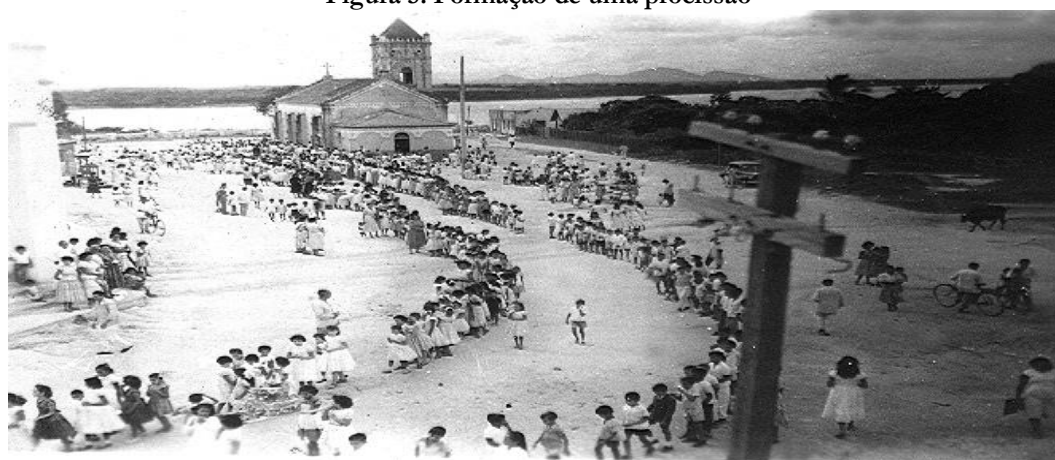
Fonte: Acervo de Maurício Zouein, 2021.

As fotografias numeradas de 5 a 7 dizem respeito mais especificamente à cultura social religiosa. Elas foram produzidas durante eventos comemorativos do catolicismo na década de 1950, sendo impossível precisar qual o ano. A qualidade das imagens também é melhor, talvez produto do melhoramento tecnológico dos aparelhos nacionais *Kapsa* que começaram a ser fabricados e se expandir pelo Brasil ainda em 1950. A figura 5 foi tirada do alto, a uma certa distância do público, para que todo o espaço pudesse aparecer, sendo possível também visualizar o Rio Branco e a vegetação. Ela traz uma procissão sob o mesmo pano de fundo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo que, como temos visto, é o guia político e espiritual da cidade. Pode-se dizer que a formação da procissão reuniu toda a comunidade local direta ou indiretamente, já que a igreja para a qual a procissão se dirigia representava não apenas um espaço de religiosidade, mas a própria emanção do poder político e

espiritual que organizava a comunidade e à qual todos os cidadãos se sentiam umbilicalmente vinculados.

O que as separa do primeiro conjunto de imagens, de alguns anos antes, é a natureza do evento: se o primeiro era um evento receptivo da maior autoridade local, o segundo visava adorar um dos santos valorizados pela religiosidade local. Ambas têm como pano de fundo a igreja que se apresentava como o principal marcador geográfico da cidade, posição que se vai arrefecendo com o crescimento urbano da década de 1980 e a multiplicação dos credos evangélicos que em tempos mais recentes se tornaram majoritários.

Figura 5. Formação de uma procissão



Fonte: Acervo de Maurício Zouein, 2021.

Na figura 6, a formatura da catequese de um grupo de 15 crianças é acompanhada pelo padre e por uma freira em frente à Igreja Matriz. Imagem que se combina com a figura 6, de formação de um grupo de padres marianos tirada no mesmo lugar.

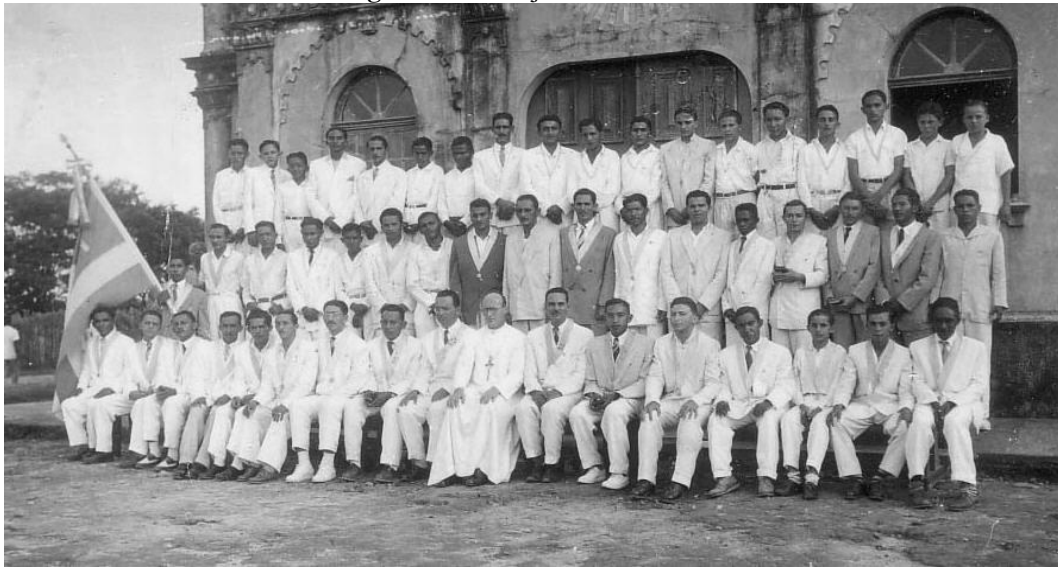
Figura 6. Cermônia de formatura da catequese



Fonte: Acervo de Maurício Zouein, 2021.

Em ambas as formaturas, a da catequese e a dos marianos, percebe-se a fisionomia da população local costumeiramente referida como cabocla. E, sobretudo, percebe-se o papel nuclear da igreja que, além de fornecer o contato com as letras por meio da leitura de textos sagrados, convertia-se num espaço fundamental de formação de um intelecto local, de uma elite intelectual que seria vetor das doutrinas católicas e das práticas de alfabetização.

Figura 7. Formação dos Marianos

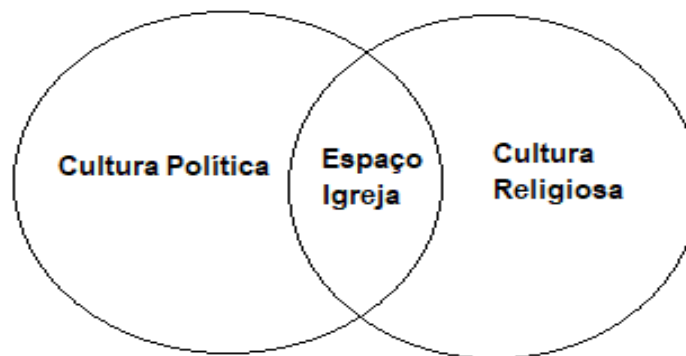


Fonte: Acervo de Maurício Zouein, 2021.

Através da igreja, portanto, se davam processos de ensino e alfabetização, encontros políticos, cerimônias envolvendo os elementos mais importantes da cidade ainda acanhada. Como lembra o historiador Lucien Febvre em sua obra sobre Rabelais (2003), numa pequena comunidade do século XVI toda a vida estava organizada em torno dos ritos religiosos, inclusive do badalar constante dos sinos que lembravam as pessoas a respeito da passagem do tempo. As imagens mostram a relação que as pessoas tinham com a Igreja, fazendo dela um espaço de socialização, festejo e compromisso religioso. Elas deixam perceber o cotidiano eclesástico no espaço da Igreja Nossa Senhora do Carmo, bem como as relações e os distanciamentos que tanto a Ordem dos Beneditinos quanto a Ordem dos Missionários da Consolata de Turim, ordens religiosas que administravam a Prelazia do Rio Branco nas décadas de 1940 e 1950, possuíam com o poder político. Elas tornaram-se significativas desta relação de culturas presentes na sociedade boa-vistense e roraimense da época e abrem espaço para uma série de reflexões sobre a composição de uma pequena cidade amazônica da primeira metade do século XX.

A partir de uma análise semiótica, mas que também trouxe elementos compreensivos da historiografia, é possível dizer que toda a fotografia volta precisamente ao texto, já que ela possui uma narrativa própria e, conseqüentemente, é regida por uma gramática. Cada escolha feita para a apresentação da imagem pode afetar o resultado final, a sua interpretação, pois é através da composição fotográfica que começamos a perceber as particularidades do signo. As fronteiras semióticas que delimitam estas fotografias, fazendo com que haja um momento de encontro das semiosferas, traça uma tensão sógnica que é o encontro entre duas culturas sociais em um só espaço, ou seja, no espaço da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. Essa tensão pode ser designada melhor através do seguinte esquema representativo:

Figura 8. Esquema representativo da tensão sógnica das culturas



Fonte: Autores, 2021.

Mesmo que as duas culturas sociais sejam diferentes entre si, elas podem se encontrar em um determinado momento, que é quando o espaço da Igreja é utilizado para celebrar, festejar, etc., mostrando simbiose para o alcance de determinados objetivos. Conhecer os signos referentes a cada área e entender como eles atuam e o grau de importância que têm em diferentes culturas pode proporcionar um diferencial no resultado final da fotografia, maximizando a habilidade que ela tem de contar algo, o que pode proporcionar uma narrativa com maior significado e sentido. Além disso, a partir dos registros fotográficos, sejam históricos, cobertos de elementos culturais e informações, ou sejam apenas artísticos, tais fotografias prevalecem através do tempo e perpetuam valores, acontecimentos, que de certa forma também alimentam a memória coletiva e individual.

É possível perceber que este espaço de socialização e celebração guarda símbolos pouco manifestos, mostrando relações pouco visíveis aos olhos menos cuidadosos da população em geral. A análise mais pormenorizada consegue reparar as figuras e personagens encontrados nas fotografias,

bem como os significados que elas guardam. Uma análise semiótica, portanto, exige maior atenção aos detalhes imagéticos, bem como a capacidade de relação desta imagem com suas diversas significações.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um texto, apesar da capacidade que tem de expressar detalhes que podem ser incluídos para a descrição de acontecimentos, fatos, sensações ou até mesmo sentimentos, parece ser limitado quando comparado à riqueza de elementos descritivos que compõem uma fotografia. Nesse sentido, a fotografia permite, com suas inúmeras capacidades de representação, fornecer à sociedade uma maneira de conhecer a si mesma, de refletir acerca de sua história e de seu passado incorporando-se na sua autopercepção identitária. A semiótica, ao estudar a simbologia por trás das fotografias, nos possibilita a elaboração de uma estrutura sógnica na qual as várias faces do objeto representado podem ser analisadas e interpretadas.

Neste sentido, o espaço da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo pôde ser compreendido, a partir de análise semiótica das fotografias 1 a 4 (chegada do Capitão Ene Garcez em Boa Vista, em 1944) e 5 a 7 (eventos e festejos desenvolvidos na Igreja ou em seu entorno ao longo da década de 1950), como um ponto de encontro entre culturas sociais, mostrando esta tensão existente entre a cultura religiosa e a cultura política numa cidade acanhada e periférica que contava entre 10 mil e 20 mil habitantes. As fotografias nos permitem perceber até que ponto elas se distanciam e se aproximam, ressignificando os espaços ao seu redor e formando novos subtextos a partir de seu encontro.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Cyneida Menezes. **Jornalismo e Memória**. A construção da política nos jornais de Roraima (1907-1988). Dissertação de mestrado apresentada na UFRR, Boa Vista, 2021.

FEBVRE, Lucien. **Le Probleme de l'incroyance au XVI Siècle**, La religion de Rabelais. Paris: Albin Michel, 2003.

FIDALGO, António; GRADIM, Anabela. **Manual de Semiótica**. Portugal: UBI, 2005.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. Método semiótico. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 193- 205.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial; FAPESP, 2003.

MUNARO, Luís. “O moderno descobridor da Amazônia: ecos do nacionalismo varguista nos jornais regionais (1930-1945)”. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**. N. 08, Vol. 8, ed. 008, 2018.

MUNARO, Luís. **Rios de Palavras**: A imprensa nas periferias da Amazônia. Porto Alegre, Editora Fi, 2017.

POSNER, Roland. O Mecanismo Semiótico da Cultura. In: RECTOR, Mônica. NEIVA, Eduardo (Orgs.). **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer; TERRA, Kenner Roger Cazotto. Teologia e semiótica russa: implicações da semiótica da cultura para o discurso teológico. **Revista Teoliterária**. N. 16, Vol. 8, 2018.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhadas da história. **Revista Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 7, N. 13, 1994, p. 81-95.

VELHO, Ana Paula M. A Semiótica da Cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista Estudos Comunicacionais**. Curitiba, Vol. 10, N. 23, p. 249-257, 2009.

ZOUEIN, Maurício. **Acervo de Maurício Zouein**. Fotos diversas da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, 2021.

Data de submissão: 07/10/2021

Data de aprovação: 25/11/2021